

---

## **ENTREVISTA 3 – E3**

**E - A tua idade é?**

E3 – Tenho 25!

**E – Sexo masculino... E o teu Grau Académico?**

E3 - Sou Licenciado em Enfermagem pela Gulbenkian... E estou a terminar o Mestrado em Gestão de Serviços de Saúde... No ISCTE!

**E – Falando agora em relação à Formação de base... diz-me qual o contributo da formação inicial para a função de orientador de alunos?**

E3 – Bem... Como contributos da formação inicial... Huum... Realço, as aulas de Pedagogia, e de Formação em contextos de Trabalho...Aaaa... E, ainda o Estágio de formação em contextos de trabalho... Aaaa... Que me obrigou a parar para pensar, não só na minha formação, mas como é que é feita a formação das outras pessoas, como é que se processa a preparação de uma acção de formação, como é que se aprende... E por aí fora...

Também deu para aprender a importância do envolvimento dos formandos, na própria formação deles, ou seja... Em primeiro lugar... Aaaa... Eles têm de querer, e compreender a importância de qualquer experiência para a sua formação. E é com base nesse jogo psicológico que eu me oriento, na orientação deles.

**E – Pois... E agora em relação á Formação Contínua... Aaaa... Que formações fizeste dentro do campo da Formação em geral e... E na orientação de alunos em particular?**

E3 - No campo da Formação em geral... Aaaa... Não fiz nenhum tipo de formação... Huum... Pois... Não... Não fiz nada! Mas, em orientação de alunos, fiz uma formação!... Apareceram uns folhetos a anunciar esse curso, ou acção de formação lá no serviço... Huum... Não! Acho que era mesmo Curso! E eu, inscrevi-me! Era organizada pela Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende, mas era sobre a orientação de alunos dessa mesma escola! Muito vocacionada com os esquemas mentais que eles incutem aos seus alunos, os modelos que preconizam, como realizam a supervisão e a orientação indirecta dos seus alunos...Aaaa... Confesso, que não aprendi,

-----

muito... (risos) ... Até porque, como todos os modelos têm críticas... Eu não me revi muito nesses modelos! Ainda por cima... Nem sequer recebemos alunos dessa Escola no SUP... Portanto... Ainda menos interesse teve... (risos) ...

**E – Essa formação contribuiu, de algum modo, para a orientação de alunos?**

E3 – (risos) ... Pouco ou nenhum! Não me revi, nos modelos de aprendizagem da escola! Nomeadamente, e a título de exemplo, a realização de Relatórios Diários... Que eu acho que é uma sobrecarga para os alunos... Podendo eles aproveitar esse tempo para fazer outro tipo de coisas... Como... Huum... Sei lá... Pesquisas! Sobre doenças... Cuidados de enfermagem... Ou outra coisa qualquer!... Pronto... Mas isto é a minha opinião! Claro que é importante reflectir sobre as acções mas... Acho que esta forma não é a mais correcta! E depois esses Relatórios Diários... Aaaa... Onde se preconiza a aprendizagem após a reflexão, que são avaliados pela Professora do estágio, e somados á nota final do aluno!... Logo quem tem jeito para escrever e mentir, tem boa nota, quem fez todo o processo de reflexão, mas tem dificuldade de transmitir para o papel, então tem má nota! A capacidade de redacção não me parece ser tão importante, para ser fulcral!

**E – OK!... E relativamente á Auto-Formação? Qual é o teu investimento?**

E3 – Huum... Acho que é um investimento contínuo... Tenciono sempre realizar uma reflexão sobre a qualidade dos cuidados que presto, e como os posso melhorar. Tendo sempre a ter à mão (mais precisamente no PDA) ... (risos) ... Livros e bases de dados que me auxiliem na revisão de algumas doenças ou drogas que são mais raras... Ou menos usadas... Quando me surge algo de diferente não tenho vergonha de dizer que não sei e vou procurar a informação com alguém ou livros, ou na Net! Sim! Porque agora já temos acesso á Net... Que... Na minha opinião já é um instrumento fulcral! É um óptimo instrumento de aprendizagem! Tanto dá para rever coisas que já sabemos... Como dá para aprender coisas novas... Medicamentos novos... Modos de administração de terapêutica raramente usadas no SUP... Sei lá! É de facto um meio indispensável!

**E – E em relação ao teu Projecto Profissional? Tens o teu Projecto no âmbito da formação e/ou orientação de alunos?**

Por ser contratado, o chefe pediu-me apenas agora, para entregar o projecto Profissional... E eu ainda não o fiz! (risos) ... Mas, tenciono colocar a orientação de alunos no meu projecto profissional! Porque... Como já disse... acho que é uma aprendizagem enriquecedora, e cumulativa... Porque de cada vez que se orienta um aluno... Há sempre qualquer coisa nova que fica... Umás vezes mais importante... Outras vezes não muito importante mas... Dá sempre para acrescentar algo ao nosso conhecimento...

**E – Ok! E agora vamos então falar um pouco á cerca do teu percurso profissional... Trabalhas há quantos anos?**

E3 – Trabalho há 4 anos... Tirei o curso e comecei a trabalhar aqui no SUP... Até hoje! (risos) ...

**E – Mas trabalhaste também noutros sítios?**

E3 – Sim! Fiz duplo, em meio horário... Aaaa... Na Urgência do São Francisco Xavier... Foi só durante 1 ano! Foi em 2005!

**E – Sempre trabalhaste como Enfermeiro de nível 1, ou ocupaste outros cargos?**

E3 – (risos) ... Não! Nada disso! Sempre enfermeiro prestador de cuidados directos ao doente e família! (risos) ... Não! Sempre estive na prestação! (risos)

**E – E... Portanto... Quanto ao teu tempo de exercício no SUP... São 4 anos! Certo?**

E3 – Certo!

**E – E qual é o teu vínculo?**

E3 – Finalmente... Já é um Contrato Sem Termo! (risos) ... Ah! Espera! Agora diz-se de Tempo Indeterminado... (risos) ... Desde Março deste ano!

**E – Pois... Agora falando um bocadinho em relação ao teu percurso de Enfermeiro Orientador...**

E3 – Ah! O meu percurso não é muito longo! Só orientei alunos no SUP! (risos) ... No outro lado (no São Francisco) ... Estive pouco tempo... e só fazia meio horário, logicamente, não tive nenhum...Mas comecei a orientar cedo! Tinha mais ou menos, 2 anos de profissão, e 2 anos de Urgência!

**E – E então... No SUP... Quantos alunos já orientaste ao todo?**

E3 – Orientei 5... Ao todo, foram 5 alunos!

**E – E de que anos? Recordas-te?**

E3 – Sim! Foram 3 do 3º Ano e 2 do 4º Ano do Curso!

-----

**E – Ok! E os Estágios eram os curriculares incluídos na parte da Pediatria... Portanto, obrigatórios... Ou, algum deles foi Estágio de opção?**

E3 – Ah... Eram todos obrigatórios! Eram os de Saúde Infantil e Pediátrica... Não tive ninguém como estágio de opção!

**E – E tiveste mais de um aluno ao mesmo tempo, ou não?**

E3 – Não! Nem pensar! Um de cada vez! (risos)

**E – Falando agora das razões/motivações para a orientação de alunos... Gostava de saber porque motivos orientas alunos... O que te motiva?**

E3 – Aaa... Embora tenha tido, como te disse... Aqueles alunos todos... a primeira vez que tive alunos foi muito mais cedo do que aquilo que eu pensava... Naquela altura... Eu aceitei porque me sugeriram... E achei que seria uma coisa boa, onde a gente pode aprender a fazer outras coisas... Podemos... Aaaa... De todas as experiências que tive com os meus alunos sempre foi uma experiência muito positiva e sempre correu tudo bem... no final sempre achei que foi um projecto que nós (eu e o aluno) iniciámos como sendo positivo, principalmente, para ele... eu sei que eles passaram por cá e aprenderam imenso... Nisso eu acho que o serviço é muito bom! Em termos de experiências que eles possam ter, é sempre uma experiência positiva... E sempre conseguimos transmitir alguns conhecimentos e diferentes formas de estar dos enfermeiros... porque eles (os alunos) precisam de se moldar... E nós como enfermeiros orientadores, fazemos um crescimento em conjunto com eles; ou seja, acompanhamo-los, e isso em regra, faz-nos repensar todas as nossas actividades como profissionais... Pronto, mas a motivação primordial é por ser uma coisa positiva para o nosso desenvolvimento e aperfeiçoamento como profissionais... É um crescer juntos.

**E – E de quem partiu essa proposta para orientares alunos?**

E3 – A proposta... Aaaa... Sempre que vêm os grupos para estágio... A proposta parte do chefe do serviço, mas eu nunca lhe disse pessoalmente que gostaria de orientar alunos! Ou, que era do meu interesse orientar alunos... (risos)... Embora fosse minha vontade... Por isso, é do meu interesse e faz falta a toda a gente. É importante para todos os enfermeiros terem a noção do que é orientar, como orientar, para poderem pensar nas coisas que andam a fazer... Como é que se transmitem as coisas e até o estar...

---

**E – Ok! E agora em relação à importância das práticas pedagógicas, o que significa orientar alunos em estágio?**

E3 – Eu, para mim entendo um estágio como sendo um projecto, embora nem todas as escolas o façam... É um projecto que tem 4 a 5 semanas que se inicia numa fase de introdução ao estágio... Supostamente ainda na Escola... Onde eles (os alunos), se tentam enquadrar no serviço e depois, eles próprios terem um projecto para o estágio deles... Personalizarem o projecto... Mas, em regra, seguem o da escola... Mas, a orientação é muito mais do que isso... Depois de fazer esse projecto, é que vamos começar a orientar... Eles, primeiro definem sempre os objectivos e onde é que querem investir, e a gente vai tentando com eles, encaminhá-los nesse percurso.

**E – Quais as competências que o enfermeiro orientador deve ter?**

E3 – Acima de tudo tem de ser visto como um modelo para o aluno... Nas práticas tem que haver um referencial, e o enfermeiro orientador funciona como sendo esse referencial, por isso, tem que dominar as três áreas do saber em enfermagem: o “saber ser”, o “saber estar” e o “saber saber”; e nessas três áreas, ser o referencial, para quando o aluno estiver com ele, aprender com isso, fazendo-se rever nesses três campos... Para além dessas três áreas, o enfermeiro também tem que ser um modelo de bom comunicador, um bom gestor da crítica e um bom gestor do tempo, porque os estágios passam muito rápido... É importante termos os pontos chamados “*milestones*”, que são os pontos em que se pára para pensar como é que o processo está a decorrer, se se tem que investir mais, ou se se tem que investir menos...

**E – É fazer o ponto da situação?**

E3 – Exacto! É parar para pensar o que é que se vai fazer a partir de agora...

**E – Relativamente às estratégias pedagógicas... Que estratégias é que tu usas ao orientar alunos... Dá-me exemplos.**

E3 – A estratégia primeira... Aaa... É a apresentação... E depois o planeamento do estágio... Fazemos logo em moldes gerais (eu e o aluno), para eles também saberem com o que é que vão contar durante o estágio... Planeamos logo o percurso todo... Planeamos logo os postos por onde vamos passar, e quanto tempo em cada posto... E depois, em cada posto durante as práticas, fazemos a gestão da seguinte forma: primeiro eles vêem como é que eu faço, e como é que as coisas são feitas aqui no serviço... Debateremos as

.....

situações... E depois vemos se é muito diferente, ou não, daquilo que aprenderam na escola! A partir daí, eles tentam assumir, progressivamente, cada posto de trabalho... Tendo alguma autonomia nos diferentes postos... É-lhes conferida essa autonomia, até chegarem a um certo ponto em que eles consigam gerir, por eles, todos os cuidados... Se atingirem isto tanto melhor! Existem depois outros momentos em que paramos para reflectir sobre alguns casos clínicos, visto que no SUP temos uma grande variedade, optando pelos casos menos vulgares e mais interessantes... O que é que fizemos bem, o que é que fizemos mal, o que é que podíamos ter feito mais; inclusivamente, às vezes, isso implica a pesquisa quer no serviço quer em casa, quer eu quer o próprio aluno... Depois juntamo-nos e vemos o que temos... Isso costuma acontecer mais nas noites, que de facto não é a altura mais favorável e pedagógica! (risos)... Mas, é quando temos disponibilidade... Já aconteceu, tipo às 6 da manhã, estar a discutir com a aluna, a doença de Kawasaki, mas até foi proveitoso... (risos)...

### **E – Como transmites e mobilizas os saberes?**

E3 – Depende das situações... Se aparecer alguma coisa para fazer uma técnica, mobilizamos (eu e o aluno) os saberes desta técnica, e exemplifico eu para ele poder ver como se faz... Ou seja, há critérios que os alunos já têm que saber previamente... Têm que trazer uma base teórica da escola, e depois é pegar nos conhecimentos deles e trabalhá-los de forma a saber se eles os conseguem também mobilizar, e também associar algumas coisas, porque muitos desses conhecimentos implicam associação de ideias... Coisas que eles não dominem totalmente, pego no pouco eles possam saber, e tento explicar-lhes de uma forma sucinta a situação nova: uma doença que eles não conheçam, uma medicação que nunca deram, etc... Mas, explico-lhes por alto e depois espero que eles também façam uma parte do trabalho em casa; quando são coisas simples fica pela minha explicação... Quando são coisas mais complicadas... E tenho algumas dúvidas, pois como enfermeiro orientador não sei tudo, pesquisamos os dois (tanto o aluno como eu), sendo o nosso objectivo de crescimento comum; ou seja, a intenção é trabalharmos e aprendermos os dois com essa questão.

**E – Essa transmissão de saber sempre fizeste da mesma forma? Sempre trabalhaste assim como orientador?**

E3 – Eu acho que sim! O primeiro aluno que eu orientei foi de facto o mais difícil; foi o adoptar um papel ao qual não estava habituado... Foi novo para mim ter alguém sempre ao lado, e ter que discutir coisas sistematicamente. Contudo, depois tornou-se mais fácil, porque neste serviço nós como enfermeiros estamos habituados a discutir as coisas entre nós... Porque é que se fez assim? Porque é que se faz assado? E então, o aluno no processo de orientação é como se fosse o colega numa de partilha de conhecimentos mútua... Sempre agi desta forma... Com o 1º aluno é que foi mais difícil, por ser o primeiro!

Também tem a ver com a postura que o aluno adopta... Nunca tive ninguém difícil de lidar, ou difícil de comunicar, ou com dificuldade em aceitar a crítica... A única alteração, é que o meu grau de exigência foi aumentando ao longo do meu percurso de orientador, porque acho que a aprendizagem é um ponto fulcral no estágio... É para isso que um estágio serve! A capacidade de mobilização de conhecimentos da parte do aluno... Eu acho que eles vêm aqui aprender, e para mim o aprender é contínuo, e eu como orientador aprendo a capacidade deles aprenderem... Eu tenho de avaliar se eles são capazes, face a uma situação desconhecida (para eles)... Se têm a capacidade de resolver, ou não, e caso não tenham se vão procurar auxílio ou outra forma de resolução... Não fazerem as coisas inconscientemente... Se têm motivação para procurar a solução; ou seja, um dos aspectos que mais valorizo na orientação de alunos é a capacidade de mobilização de conhecimentos dos alunos, isto é, um repensar contínuo das práticas.

**E – Em relação à planificação do estágio sempre fizeste da mesma forma?**

E3 – Basicamente sim! A única alteração que fiz foi introduzir o suporte de papel, ou seja, faço em conjunto com o aluno, mas uso o papel para ele ter uma noção gráfica, temporal e precisa de todo o estágio... Dantes não usava o papel, porque achava que era fácil para eles entenderem mas, com a experiência percebi que é mais fácil para eles compreenderem desta forma... Mas, é uma gestão partilhada com o aluno! O início não, porque o início é proposto por mim, porque eles não conhecem nem o serviço, nem a dinâmica; ou seja, proponho o trajecto dos postos e os “*timings*”, e também em termos de algumas actividades que eles vão ter de desenvolver... Vejo se a escola propõe algum tipo de trabalho para o estágio, e se isso não se verifica sou eu

que proponho essas actividades! E também dou a conhecer quais os critérios que eu vou valorizar no estágio dele. Às vezes, não digo objectivamente, que quero que eles façam um determinado trabalho, mas dou a entender que seria produtivo se o fizessem...

**E – Ok! Em relação às actividades desenvolvidas pelo aluno em estágio... obrigatórias ou não, a tua colaboração é sempre ponto assente...**

E3 – Sim! Sem dúvida! Até fizemos projectos giros embora curtos... Tive alunos que chegaram com a ideia prévia de alguns projectos para implementar, com o intuito de desenvolver conhecimentos em áreas específicas, e então, partimos da raiz desse projecto, e mobilizamos, em conjunto, os conhecimentos para isso inclusivamente, trocávamos *mails* e tudo... por exemplo, fiz isso num projecto sobre Diabetes Tipo II, em que fizemos uma pesquisa conjunta (eu e a aluna), onde aprendi coisas novas em termos técnicos... E neste contexto, também aconteceu eu questionar a própria aluna, acerca de pormenores da própria doença, não numa perspectiva de avaliar a aluna mas, numa perspectiva de partilha de informação, e de facto ela ensinou-me algumas coisas novas... Foi engraçado, porque ela ao transmitir-me esses conhecimentos sentia vontade de os provar ao mesmo tempo mas, eu nunca coloquei em dúvida a veracidade das informações que ela me estava a transmitir... No entanto, eu senti que ela tinha essa necessidade de provar... Esta situação foi muito positiva, porque eu aprendi e ela aprendeu...

**E – Como supervisionas e avalias os alunos? Sempre fizeste igual?**

E3 – A parte que mais me custa é a da avaliação final... É o facto de ter que dar uma nota em relação a um trabalho desenvolvido, porque a orientação de alunos é uma coisa que se vai construindo... O ponto final de ter de dar uma nota, foi sempre o que mais me custou desde início... Agora torna-se um pouco mais fácil, porque já tenho termos de comparação, uma vez que já tive vários alunos... Já sei como se faz, e temos também, a partilha com os outros colegas orientadores de alunos do mesmo grupo... E por regra, agora torna-se muito mais fácil... Do género: Que nota é que vais dar ao teu? E depois fazemos algumas comparações, e tal...

Quanto à supervisão dos cuidados, como isto não é uma actividade sem riscos, as regras são esclarecidas logo no início do estágio... Há muitas coisas que eles têm autonomia para fazerem, mas em termos de medicação não têm

autonomia, sendo a supervisão nesses casos muito restrita... Dou-lhes autonomia, na minha presença, para serem eles a preparar a terapêutica e, eu aí estou a supervisionar o modo como eles fazem, agora e supostamente no futuro; é uma supervisão presencial!

**E – Fala-me agora dos momentos mais marcantes ao longo do teu percurso como enfermeiro orientador... Momentos positivos e situações menos positivos...**

E3 – Destaco uma situação positiva, em que uma aluna depois de ter terminado o estágio, mesmo depois da parte da avaliação final, ou seja, sem intenção de querer “dar graxa” ou agradecer, portanto, sem segundas intenções porque a nota já estava dada e discutida... Chegou ao pé de mim, e disse que achava que eu era um bom enfermeiro, e que aprendeu imenso comigo, e que gostou da minha orientação... Que o estágio tinha corrido muito bem, e que no meio de todos os orientadores que ela já tinha tido, achava que eu tinha sido o enfermeiro orientador modelo. Com este acontecimento, para além de ter ficado muito contente por ouvir esta opinião... Desde que esta situação aconteceu, no final de cada estágio, depois do momento da avaliação final, peço sempre aos alunos, por escrito ou através de uma conversa informal, a opinião deles em relação ao meu desempenho como enfermeiro orientador... Falhas minhas, melhorias a fazer, opinião acerca do meu desempenho, quer como orientador especificamente, quer como enfermeiro. Também peço para eles darem a opinião sobre o serviço... Em que é que o serviço pode melhorar, pois quem está de fora vê a dinâmica do serviço de outra forma, e percebe os cuidados que nós prestamos de maneira diferente, podendo dar sugestões ou ideias úteis...

**E – E já alteraste algum comportamento ou a forma de estar, como resultado dessa avaliação feita pelos alunos?**

E3 – Falando das avaliações em relação à minha pessoa eles, normalmente, avaliam-me de uma forma positiva e, portanto, não alterei nenhum comportamento. Contudo, referem que o estágio, relativamente à sua duração, deveria ser mais longo, para poderem aprender mais coisas e para podermos fazer mais reflexões sobre situações clínicas novas... Porque a aprendizagem em estágio implica uma reflexão constante, ou seja, é uma aprendizagem reflexiva... É importante a gente parar para pensar aquilo que fez, como fez e

como irá fazer... E o que eles manifestam é que gostariam de ter mais momentos de reflexão, mas para isso o estágio teria de ser mais longo. Agora, quanto à avaliação que eles fazem do serviço... Aí referem-se muitas vezes à falta de condições físicas...

**E – E agora relativamente a uma situação menos positiva ou negativa...**

E3 – Eu nunca tive uma situação propriamente negativa como orientador, mas uma situação que me caiu mal, foi uma situação em que o orientando me disse, logo no primeiro dia de estágio, que isto era um estágio “soft”... Ou seja, vinha com umas expectativas muito baixas e fracas em relação ao estágio... Disse ainda que era um estágio que não era para ter muito trabalho... E estás a ver não é? Um aluno, logo no primeiro dia de estágio a dizer este tipo de coisas para o orientador! Caiu-me um bocadinho mal... Acho que não foi uma atitude nada correcta! Foi uma situação que me custou a digerir e, portanto, a relação pedagógica com este aluno foi um bocadinho mais complicada, porque eu tive que lhe mostrar e lhe provar, que o estágio é um momento que implica um investimento da parte dele... Tinha que ser um momento de aprendizagem trabalhado pelos dois em simultâneo...

**E – E qual foi o contributo desta situação específica para o teu desempenho como orientador?**

E3 – Bem... Aaa... Com esta situação aprendi que as coisas devem ser esclarecidas e planificadas logo desde o primeiro dia de estágio... É que, se os alunos perceberem logo desde início, o que os espera e quais as metas a atingir, as coisas correm muito melhor; ou seja, é muito mais fácil para eles saberem logo! E eu avanço logo nesse sentido... É preferível em relação a eu estar à espera que eles tenham essa iniciativa própria, porque nem todos têm essa iniciativa...

**E – Alteraste algum comportamento, estratégia ou postura, como resultado da reflexão destes momentos positivos e menos positivos?**

E3 – A estrutura da minha orientação manteve-se sempre constante... Nunca alterei a minha base na orientação do aluno... Acho é que, como experiência que é, a relação que nasce e cresce com os alunos é uma forma de aprendizagem... Tudo o que seja uma experiência nova, ou diferente da anterior, é sempre uma aprendizagem, e isso faz-nos mudar... Ou seja, o facto de eu experienciar uma coisa, embora não altere posteriormente o meu

comportamento, não quer dizer que não tenha aprendido nada... De orientação para orientação, eu reflecto sobre aquilo que fiz e vou sempre acrescentando alguma coisa ao meu conhecimento, porque foi mais uma experiência que eu vivi... Mas, conscientemente, não mudei nada; acrescentei foi créditos à minha experiência como orientador...

Por exemplo, apesar de nunca ter tido situações negativas, como ter que chumbar um aluno, por exemplo... Neste caso, iria ter que recorrer a colegas orientadores, que já tivessem passado por isto, e pedir-lhes ajuda, porque se eles já tiveram essa experiência, já aprenderam a forma de lidar com esta situação...

**E – Relativamente às dificuldades ligadas à orientação, tiveste algum tipo de dificuldades?**

E3 – A minha maior dificuldade é na gestão do tempo... Há turnos em que nós não conseguimos parar para reflectir no que andámos a fazer... Porque o serviço está muito trabalhoso ou confuso e, neste caso, a aprendizagem torna-se insípida, prejudicada... E depois, no dia seguinte não dá para reviver a situação, porque há situações que devem ser reflectidas no momento, porque no dia a seguir já se perderam muitos pormenores, muito importantes.

**E – Essas são as dificuldades no contexto profissional?**

E3 – Sim!

**E – E a nível pessoal, alguma vez tiveste alguma dificuldade?**

E3 – Bem isso varia com os alunos... Dependendo da personalidade deles: com uns a relação consegue estabelecer-se mais facilmente do que noutros... Mas, até agora tenho conseguido criar sempre uma relação pedagógica saudável... Os “*timings*” do estabelecer dessa relação, é que vão variando consoante as personalidades.

Tive uma vez uma aluna mais introvertida, mais calada, mas depois passado algum tempo acabou por perceber que isto não era assim tão complicado... E depois teve oportunidade de se mostrar... E o estágio acabou por correr sem problemas...

**E – Que contributos retiraste para a função de orientar alunos?**

E3 – Percebi que o ponto fulcral na orientação de alunos, é a primeira semana de estágio... O facto deles estarem bem integrados na equipa de enfermagem,

na dinâmica, o terem à vontade para questionarem em caso de dúvida e, claro, a gestão de tempo, deve ser conseguido até ao fim da primeira semana!... Se nessa primeira semana, o aluno conseguir perceber que o estágio é um momento de crescimento mútuo (para mim e para ele), o estágio vai desenrolar-se muito melhor, porque desta forma conseguiu-se estabelecer, logo à priori, uma relação de confiança recíproca... Entre mim e o aluno...

**E – Outra coisa que eu gostava de saber era se alteraste algum comportamento (fruto da reflexão sobre as dificuldades), na tua prática como profissional de saúde...**

E3 – Sim! Dou muito mais importância à partilha de novas situações, novos conhecimentos, novas técnicas; quer com os meus colegas, quer com os próprios alunos, porque acho que a informação não deve ficar retida... É importante fazer essa partilha, quer com profissionais quer com futuros profissionais... É como se criássemos uma aprendizagem em rede... Quando há uma coisa nova, vamos transmitindo uns aos outros para haver um crescimento conjunto...

Por exemplo, aquilo que eu te disse sobre a pesquisa que eu fiz com a aluna, sobre a diabetes, apesar de não ter feito a partilha do novo conhecimento com os meus colegas, acho que o deveria ter feito; porque são sempre momentos formativos importantes, que não devem ser desperdiçados. Portanto, se essa situação me acontecesse hoje, eu iria com certeza partilhar isso com a equipa, nem que fosse numa passagem de turno, porque acho que é realmente importante. Portanto, a experiência de orientação de alunos fez-me ver a importância da transmissão de saberes; hoje em dia, dou muito mais importância às passagens de turno, porque possibilitam momentos formativos informais... Não tem que se frequentar nenhum curso para aprender alguma coisa... Percebes?

**E – Resumindo e concluindo... em duas ou três palavras-chave, diz-me que tipo de aprendizagens adquiriste, ao longo de todo o teu percurso como enfermeiro orientador...**

E3 – Acho que, principalmente, a nível relacional... Com o crescimento todo que já fui fazendo, no início eu achava que a orientação de alunos era muito

mais complicada do que agora acho, principalmente a nível da relação que consigo estabelecer com o aluno... Também, quando comecei a orientar era bastante novo na profissão... E agora, numa posição mais sólida, e tendo tido já mais alunos, torna-se mais fácil a criação da relação pedagógica...

E depois, a outra aprendizagem foi, como já disse, a importância da partilha de conhecimentos, que é fundamental, porque a intenção é melhorarmos sempre como pessoas e como profissionais.